

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

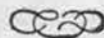
1.º ANNO. — JULHO DE 1869. — N. 5.



PORTO ALEGRE



Typographia do — **Jornal do Commercio** — de L. F. Cavalcanti de Albuquerque.



1869

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Bibeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Vasco de Araujo e Silva.

Francisco José Gomes Porto Alegre

OS PALMARES.

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE.



III QUADRO.

Ultimos acontecimentos.

— E' verdade, a pura verdade! ajuntava Rolando, para dizer alguma coisa, apesar de ser contra si mesmo.

Carrilho sorriu e foi vizitar seus companheiros d'armas no leito de dôr.

N'esse comenos o jesuita sentia-se dominado por grande emoção. Seus olhos ordinariamente baços, mortos e inexprimiveis scintilavão ardentes na penumbra da sala, seus labios murmuravão sons incomprehensiveis, suas faces pallidas e macilentas tingião-se de reflexos purpureos, seu corpo tiritava, como se o medo ou o frio o tomasse.

O que havia ?

Que folheto é o que estreita nas mãos com delirio, com febre, com amor ?

— Misser Antonio, disse elle, tocando no braço do physico.

— Que quer V. Reverencia ?

— O céo: o quiz, respeitemos sua vontade. *Fortuna est quod dii volunt.*

— Me parecendo está que V. Reverencia não quer ser comprehendido.

— Chiton ! E levou o index á boca.

— Mas....

O jesuita apenas mostrou-lhe o folheto, no alto de cuja capa lia-se em letras garrafaes, que hoje cauzariam terror á calligraphia :

EL-DORADO.

E mais abaixo em bastardinho miudo :

« Como o pôde deparar o que fôr seguindo com fidelidade o caminho dos sertões que hi vai n'este itinerario, e o como foi descoberto e em que tempos. »

Antonio sobresaltou-se, a mesma metamorphose por que passou Andrezzi operava-se n'elle.

E' que desde o seculo XVI corria na tradicção a existencia do El-Dorado, paiz de inconcebiveis riquezas e maravilhas, á procura das quaes aventureiros europeus constantemente descião á plaga americana.

Os inglezes Philippe Hutten e Walter Raleigh, os hespanhóes Orelhana e Antonio dos Santos tinham com seu assentimento e descripções consolidado a crença geral a este respeito.

Uns fazião-n'ó existir entre o lago Parimo e o Orinocco, outros affiançavão que seus dominios demoravão no centro do Brasil, tendo em torno invia e vastissima extensão coberta de florestas.

Sua capital era a cidade de Manóah, que continha templos cujas cupolas erão de ouro massiço, cujas columnas incrustadas de finas gemmas reverberavão na treva, como a luz solar. O rei d'este paiz andava semi-nú, referião, e quotidianamente banhava-se em oleos fragrantés, polvilhando depois o corpo com ouro em pó.

Era tão arreigada a crença, que a Europa e a America erguião-n'a á altura d'uma convicção, quando punhão em circulação cartas e mappas geographicos do El-Dorado.

No correr d'esta historia o leitor verificará se havia ou não razão no que hoje uns supõem pinturas da imaginação e outros pensão ter sido a California de nosos dias.

Reatemos, porém, a narração interrompida.

Antonio, passado o abalo da surpresa, perguntou :

— D'onde o obtive V. Reverendissima ?

— Cahiu do gibão de Magalhães.

— E ninguem mais o viu ?

— Ninguem. *Oculos habent et non videbunt, aures habent et non audient.*

— Ha de, todavia, reclamar.

— Deus o não quer.

— Como ? !

— Vós, misser Antonio, Pero Lopes e este humilde servo de Jesus somos trez, não é ?

— Sim, redargui com o olhar pasmo na difficuldade de comprehender a illação que seu interlocutor tiraria.

— Roberio é um ?

— E' manifesto.

— Ha alguém de mais sobre a terra; fazel-o desaparecer torna-se para nós de extrema necessidade.

— De extrema necessidade, diz V. Reverencia.

— O duvida ? Não vê que se sabe onde pára o itinerario, com justo motivo procurará rehavel-o sem arrecejar-se dos meios ? Depois : mal que evita mal maior é um bem, misser Antonio; é principio de ethica. Se o não fizermos, elle o fará; e negocios com um homem de capa e espada não se assemelha ao com vilões; ergo..... E parou intencionalmente.

Antonio estremeceu e murmurou mansinho e mysterioso :

— Ergo?....

— *Interficiit eum.*

— *Quomodo hoc scelus admittere?* Perguntou em tom baixo e ao ouvido de Andrezzi, mas tão pallido e demudado, que, quem o visse u'aquelle instante havia de desconhecê-lo.

— Jeovah disse a Josué que procurava terras para seu povo habitar, e, temendo os possuidores de juro e herdade, esmorecia :

« *Ne timeas eos, ite et tua erit victoria.* »

E o bom discipulo de Loyola e Escobar estendia a mão mirrada e mostrava a Antonio um anel accrescentando:

— Aqui no castão ha um liquido de effeito terrivel; deitado sobre uma ferida a morte é subita.

Foi uma feliz descoberta que angariei, quando cathechisava no Maranhão. Misser Antonio, que diz ?

O physico vacillava.

O jesuita continuou :

— Lembre-se da sentença do velho Horacio : A fortuna é dos audazes.

Misser Antonio tem sonhos de ambição e treme como uma criança, quando vai realisal-os.

— Mas...

— Andrezzi mostrou-lhe o folheto.

E esse gesto foi o mais irrefragavel argumento.

— Sim, a fortuna é nosso sonho; V. Reverencia o diz bem; ao Brasil não vieramos, se não fôra ella.

Dê-me o annel.

E estas palavras, pronunciou-as, com certo tremor na prolação, como tendo epilepsia na voz, se nos consentem a expressão.

O jesuita o notou e acudiu :

— Se o homem do escarpello arreccia-se, o homem da cruz irá.

— Não. *Faciam quod jubes, quod volo.*

— Amen.

— E' o nosso engrandecimento, e com um movimento brusco arrancou-lhe o annel do dedo. Sentia a febre do remorso na embriaguez do ouro.

Ambos encaminharão-se para o leito de Roberio.

Carrillo estava allie com sincera piedade contemplava a figura desfeita do bravo militar.

— Eis a gloria, eis a vida ! ponderava comsigo. Ha de puxa ! Que os perros dos negros hão de pagar-me principal e juros !

Antonio e Andrezzi approximarão se.

— Então que diz o Sr. physico sobre o doerte ?

— Que resta a Deus o que não pôde a sciencia humana.

O capitão enrugou o sobrolho, e voltando-se com máo humor, disse :

— Padre, alli onde Rolando assiste, ha um ferido que pede o auxilio da religião.

O jesuita disfarçou o despeito com estas palavras :

— E' justo, tem Caronte á cabeceira.

E foi-se.

N'esse momento a porta abria-se e Pero Lopes entrava todo coberto de pó e a roupa em fragmentos.

Carrillo esperou-o serenamente.

— Então ?

— O inferno que os vença, a esses demonios de negros ! Eu não posso.... Nunca esforcei-me tanto, tambem nunca tive tão máo resultado

— Sente-se, e conte o desfecho... Nem todo o anuo tem dias de sol. Pensa que já não soffri mais feias derrotas ?

— Dos negros ? E' impossivel ! Rirão-se até de mim os miseraveis !

— Conte nos, porém.

Pero Lopes sobreestive silencioso por alguns momentos, porventura coordenando as ideias.

— Ha na serrania, começou elle, uma vereda que com muito affã conseguirão romper, e que desconheciamos inteiramente.

Por ella levarão-nos lampas, todavia indo-lhes no encalço, em pouco pudemos alcançal-os a tiro de mosquete. A algumas trezentas braças o mato sobreveio, elles se internarão e nós os imitamos. Verdade é que de uns e outros os exhaustos de fadiga cahião a cada instante, mas no affêgo da retirada e da perseguição cada qual commettia todo esforço e coragem que lhe sobrava. Em seguida passarão uma ponte de bastos troncos atados com grossas cordas de cipós e tucum, escoradas nas duas margens do profundo abysmo capaz de ourejar a cabeça mais forte.

Em ambas o arvoredó crescia denso.

Na precipitação da fuga lançarão-se em berbotões sobre a passagem suspensa no precipicio. Fabul ia o ultimo, o maldicto é valente e nobre a enraivecer-me, pa-

rece que nas veias d'aquelle negro corre sangue puro. O barbarizo da infancia e mulherio abalava a serra.

Porém, quando pouco mais de tres quartos havião transposto a ponte, esta gemeo, fraqueou e rompendo-se despertou os echos dos despenhadeiros. Foi um medonho fracasso! Mais de quinhentos quilombolas desapparecerão na garganta do sorvedouro.

Fabul, com o resto quedou impassivel, quando os meios de razão tão infaustamente se lhe frustavão. Os milicianos soltarão um rugido de alegria a alguma distancia da catastrophe, e eu julguei apprehender o Zambí em facil triumpho. . . . Ephemero regosij !'

Fabul viu tudo isto e bradou aos seus :

— A's arvores. E abraçando um velho cajueiro, galgou-o com a prestesa do palreiro guariba, escorregou por um ramo horis ntal que dominava o abysmo, baloiçou-se na extremidade curva á seu peso, e de prompto como o pensamento atravessou o ar e foi apanhar um galho na margem opposta. Os outros fizeram o mesmo.

— Ha de puxa ! murmurou Carrilho, cedendo espontaneamente á admiração, que trouxera-lhe ao labio a interjeição dilecta em todas as manifestações energicas de seus sentimentos.

— No momento em que fugia, uma descarga faziamos sobre elle, porém, o inferno protegia-o, apenas a pluma encarnada, revoluteiando nos ares, veio cahir entre nós, bem antes como uma ameaça, do que como um trophéo de victoria.

Escapou o Zambí, e os seus assacarão-nos motejos e chufas a que só respondiamos pela boca da mosquetaria.

Guai de quem tem a combater homens tão fragueiros de condição ! Nem a lançadas de barriga !

— E não mais guapos hi ha que elles, estai seguros.

Amanhã, porém, Subupira será um combro de cinzas.

— E continuaremos as correrias?

— Seria eterno lutar. Elles mandar-me-hão arautos, como já o fizeram, e a paz será firmada.

— Hão de ter condições favoraveis, não ?

— O governador o quer.

— E são conhecidas ?

— Algumas lembro.

1.º Os Palmares terão a tranquillã posse das terras que hoje occupão;

2.º Os fóros e regalias de vassallos de El-rei de Portugal;

3.º O livre trafico com os moradores visinhos, como os de porto do Calvo, Serinhaem, Una, Penedo e Cabo de Santo Agostinho;

4.º O respeito á liberdade dos nascidos em seus dominios, com tanto que respeitem a familia e a propriedade dos povoados que os cercão.

— Ayres de Souza inutilisa tanto ardimento! disse com tristesa Pero Lopes, que votava tanto odio aos Palmares, que mais não era possivel no peito humano.

Quando a estrella da manhã empallidecia, Subupira era um vasto incendio, mil linguas purpureas lambião o céu, copiosos reflexos enrubecião a folhagem das selvas e ião doirar o tópo das serranias. Magoava o coração aquella scena !

Havia um crepitar lugubre, quasi que um choro em soluços, como estertores de agonia de mescla com soturnas endeixas das aves que despertavão nas frondentes guaridas !

Contristava deveras de permeio de tanta vida, de tanta inflorescencia, debaixo de um clima sem rival, a labareda destruidora, que grassava, grassava sem piedade ! Velando a puresa do horisonte nos bulções de fumo, o esmeraldino esmalte da rama e das planuras n'um sanguineo véo !

Uma cidade finava n'um auto de fé do conquistador.

Sua alma extorcia-se n'um turbilhão de chammãs, que a estreitavão como venenosas serpes, varando-lhe os seios como pelouros, tisanando o que não destruião !

A FACA D'UM VALLEIRO.

v.

Leonel livido como a face d'um morto jaz junto ao corpo de seu amigo, tendo a irmã moribunda sobre o seio.

O que ha que possa exprimir a magnitude de seus pezares, o desespero que lhe ia pela alma ?

— Meu amigo ! Minha pobre irmã ! Repetia o mizero, sem lagrimas, porque já as não tinha.

No morro de Sant'Anna o acampamento estava bonançoso, no dia seguinte a estes acontecimentos.

Quasi dez mil guerreiros alli se achavão, e tres nomes legendarios, trez nomes d'uma epopeia de glorias : Bento Gonçalves, Netto e Canabarro, passavão pelo labio de tantas cohortes como hymnos de liberdade.

Bento Gonçalves está em sua tenda. Escrevia.

Um moço entrou.

O general levantou a fronte e fitou-o pensativo.

— Tu, Leonel ! ?

— Sim, general... a sombra de Leonel.

E as lagrimas reprezas até então jorravão em cachões.

Bento Gonçalves comprehendeu a extensão d'aquella agonia, sem conhecer-lhe as causas.

Levantou-se, estreitou-lhe a mão com profunda emoção.

— Jacinio, proseguiu Leonel, com as palavras entrecortadas.... não existe mais.

— Não existe ! ? E a voz do heróe doce e calma ordinariamente teve a diapazão do rugir do leão ferido.

— Eu venho substituil-o, general.... e trago dois cadaveres para a capella do Forte.

E parou....:

Depois levantando o indice na direcção de Porto Alegre, pronunciou com a inflexão de quem se extorce na mais acerba angustia :

— Lá... aninha-se a traição.... ó uma terra indigna até de guardar as cinzas de meu amigo e de minha pobre irmã !

VI.

Um dia depois o exercito marchou. A cidade de Porto Alegre foi atacada por todas as faces do entrincheiramento. Leonel era a alma de todo o movimento.

Leonel queria sacrificar aos manes de Amelia e Jacinio, e apazigual-os, não com uma vingança particular, com um só cadaver, mas com a hecatombe d'uma povoação inteira.

Depois de longas horas, a victoria ia coroar os esforços das phalanges republicanas; no Caminho Novo—a senda se abria para a tomada da cidade, para o saque e a carnificina... Ia ser um negro quadro!

Mas no momento em que as barreiras esborçavam-se, Bento Gonçalves mandou tocar retirada.

Annibal não atacava Roma sem mais baluartes e defensores!
Pasmarão todos.

— Que fez, general?

— Tínhamos sido imprevidentes, Leonel!

Salvei milhares de innocentes...

O mancebo amergeu a fronte enrugada pelos sentimentos de odio e vingança.

— Eu bater-me-hei com Varena.

— Pertence-me esse direito, por certo não me quererá tambem tirar.

— Tens razão, Leonel.

VII.

Em 1849, n'uma noite de temporal, um valleiro do morro de Sant'Anna, que ia orar uma vez todos os annos nas hoje mal distinctas ruinas do antigo forte da republica, voltava d'uma excursão pela campanha.

Viajava pelo Caminho do Meio.

Um outro viajante vinha em sentido contrario.

Na occasião de encontrarem-se, um relampago illuminou toda a estrada.

Dois gritos partirão, dois cavallos unirão-se e duas facas faiscarão.

Na madrugada que succedeu alguns carreteiros encontrarão morto ao coronel Varena que ha pouco viera da republica Argentina.

Quem era, porém, o valleiro?

Nunca souberão-lhe o nome Sua vida era um mysterio para todos do morro.

Nunca o virão sorrir; decorrião dias sem que pronunciasse uma só palavra, nunca parava mais d'uma semana n'um logar... parecia o genio das romagens!

Depois da morte de Varena, ninguem mais o encontrára.

Hoje entre os camponezes ha uma superstição. Dizem que em horas tardias tres sombras vagão no cemiterio do Forte, derramando tristes vozes no silencio das noites, cantos tão sentidos que arrancão lagrimas aos mais duros corações.

Certo é que não passo por aquelles sitios sem sentir calafrios correrem-me por todo o corpo.

Se o conto não agradar, o autor pede desculpa. E' um trabalho concebido e escripto rapidamente para preencher algumas paginas da revista.

Só isto basta para absolverem n'ó d'este novo peccado litterario,



POESIAS.

MEDITAÇÃO.

DIA DE FINADOS.

« Dorme em paz, minha mãe, teu somno é lind o !
« E teu filho, ó crê, te ama, te ama muito
« Para vir despertar-te aos seus soluços.

POESIA DO AUTOR.

Meditemos, min'harpa : horas são estas
Em que apenas na terra véla o genio,
O genio da saudade—esse bom anjo !
Aqui, a beira mar, ouvindo tristes
Os soluços da vaga que desmaia
E o sussurro dos euros suspirosos.
Manso é o rio, a brisa embalsamada,
O céu de claro azul vestindo estrellas,
E minh'alma, ora livre, gosa jubilos
Aspirando da noute a fresca aragem
Tão pura como um sonho de criança.
Meditemos, min'harpa : a noute é calma,
Profunda a solidão, sómente véla
O genio da saudade—esse bom anjo !

Quão ditoso era o bardo, quando, em extase,
De um passado feliz volvendo ás scenas,
Entregue á propria dôr, d'essas lembranças
Fazendo o seu consolo, assim cantava :
« Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas !
« Precisava de vós, tardaveis tanto ! — »
Ó' que lhe invejo o pranto que vertia...
Ainda que gotta a gotta elle exaurisse
Esta vida, que arrastro, mas não vivo ;
Inda que fossem lagrimas de sangue
Eu quizera ir tambem, tal como elle,
O pó das illusões regar com lagrimas,
Abrindo ao coração, que em dôr se affoga,
Livre curso a esse pranto que allivia.
E como soffro, Deus, só Dêus o sabe !
Mas já que a fonte se estancou das lagrimas,
Suspiremos min'harpa : é tarda a noute,
Dorme em paz a cidade ! O somno é bello,
E, um bem filho do céu, consolo infindo
Que nos vem do Senhor — Vigila apenas
O genio da saudade—esse bom anjo !

O' cantemos, min'harpa, cantemos,
Como a brisa por entre o rosal;
Como a ave espancada do ninho
Que arrancára o feroz temporal;
Como a fonte do viso do monta
Que se lança nas fraguas do val,
O' cantemos, min'harpa, cantemos.

Como eu, desafia min'harpa
Os ferinos contrastes da sorte;
O' não chores, não cantes tão triste
Que commoves o peito do forte.
Ri-te á dôr, á miseria, ao tormento,
Como o sceptico ri... e a morte
Como eu, desafia, min'harpa.

Desprendamos as vozes, cantemos
Como os genios da dôr, do delirio...
O' qu'importa que a luz que seguimos
Seja o triste lampejo de um cirio,
Se estão mortas as crenças no peito?
Não curvemos o collo ao martyrio,
Desprendamos as vozes, cantemos.

Quero amor, quero cantos fagueiros
Da voluptia entornar no altar;
Quero em Baccho saudar o prazer,
Da corynthia nos braços sonhar.
O' min'harpa, ao passado voltemos
Uma estancia de goso a lembrar,
Quero amor, quero cantos fagueiros.

Meu passado foi bello ! O' quantas vezes
(Eu era inda criança, e muito trêfega)
Das minhas travessuras por castigo
Minha mãe me ralhava, e após dous beijos
Que eu lhe dava na face, em outro beijo
Me dava ella o perdão e seus extremos !

Mas essa, do passado, só lembrança
Que vive mesmo além da sepultura,
No mais intimo d'alma, eu não a evóco
Nas horas em que a dôr me alquebra o peito.
Não, minha mãe, bem sabes que teu filho
Nunca uniu ao profano a tão sagrada
Memoria de teu nome e teus affectos,
Assim como tambem jámais o virão
Levar á tua campa, ás tuas cinzas
Em ridicula gala atroz insulto...
Jamais, querida mãe, virão teu filho
Levar á tua campa, ás tuas cinzas
Em sacrilego adorno a impia affronta,
Mas sim singela c'roa de saudades
Que engrinalda-te a cruz, quando da prece
O sacrosanto verbo expira aos labios.

Basta, min' harpa, basta ! Me trahiste...
Eu pedia-te cantos, hymnos, trovas,
Esses faceis accordes, os harpejos
A' cujo som se casa a voz do edylio,
E enlevado te ouvi — grave harmonia
Desferiste min' harpa, e agora vejo
Que á tua voz un' palavras minhas,
E que ambos cantamos triste nenia,
E que ambos choramos sobre um tumulo...

Oh! min' harpa, min' harpa, sê, bem dita
Como da redempção a cruz é sancta,
Como é piedoso o pranto que derramo
Nas cinzas da illusão — a mais querida,
A só do meu passado — a minha mãe!

Porto Alegre, 29 de Maio de 1869.

José Bernardino dos Santos.



QUANDO ? !...

Moi, l'espérance amie est bien loin de mon cœur.
Tout se couvre à mes yeux d'un voile de langueur
Des jours amers, des nuits plus amères encoro.

(A. CHÉNIER.)

I.

O sol doirando da montanha o apice,
O mar, a veiga n'amplidão desmaia;
E mansas ondas n'um dorido murmuro
Vão lentamente se quebrar na praia.

Que doce brisa, que perfume magico
Do valle as flores s'inclinando exhalão;
Quantos segredos, que harmonia mystica
A' natureza os passarinhos fallão !...

Hora bemdita ! No arvoredado, languida
A meiga rôla solitaria geme;
E triste, á beira da lagôa, pallido
O lyrio ao sopro dos favonios treme !

Hora bemdita ! No meu peito túmido
Doce tristeza se derrama agora;
E de saudades d'essa imagem candida
Minh'alma geme, desespera, chora !

Vem oh ! meu anjo, vem ouvir o canticão,
Que suspiroso o sabiá desprende;
Vem dar alento á minha fronte pallida...
—Na longa insomnia desfallece, pende !

Vem, casta virgem, teu sorriso angelico
As magoas fundas do meu peito acalma;
Vem, n'estas sombras que segredos intimos,
Que amores, anjo, te dirá minh'alma.

II.

Em vão chamei por ella... A tarde langue
Expirando levou além meu canto !...
Oh ! volta, anjo, ideal que me sorriste,
Sem ti a vida é triste e tardas tanto !...

Oh ! vem, minh'alma morre, se definha,
Esperando por ti, loira criança !...
Se me déste um sorriso de venturas,
Porque tardas ?—Bem vês ! se esvae a esp'rança !

III.

Oh ! vem, minh'alma adoce,
Minha fronte empallidece,
Perdidas horas velando;
Em cada dia que corre,
Vae-se um sonho, um riso morre....
Ai ! criança, voltas—quando ? !..

Talvez meu nome esqueceste,
Distrahida adormeceste
Sob um docel de mais flôres;
Mais flôres ?—louca ! Meus cantos.
Tinhão perfumes mais santos,
Erão poemas de amores !..

Meu Deus ! Em quanto lá sonhas,
Minhas noutes são tristonhas,
Meus dias passam sem luz;
Partiste, virgem, partiste,
E mudo carrego triste
Do soffrer a negra cruz !

Partiste, oh ! santa, partiste,
E de meus labios despiste
O sorriso que só deras ;
Meu pensamento levaste,
E sem pena tu murchaste
De minh'alma as primaveras !

Não tardes, vem, n'esta sombra,
Aqui do valle na sombra
Não mais terei, anjo meu,
As alegrias de outr'ora,
N'um teu sorriso uma aurora,
E nas tuas fallas o céo !

E não virão mais esp'ranças
Nos olôres de tuas tranças
A minha fronte embalar;
E nos teus olhos, donzella,
Jâmais verei diva estrella
No meu futuro a brilhar !

Oh ! vem, minh'alma adoce,
Minha fronte empallidece
Perdidas horas velando;
Em cada dia que corre,
Vae-se um sonho, o riso morre—
E tu não voltas !—Ai ! quando ? !

FOLHA DO PASSADO.

Ao meu amigo N. A. Vasquos.

A morte emmudeceu o teu piano,
Aonde outr'ora á noite horas inteiras
Ao teu lado jazia... Eramos sós
E as horas em silencio ião ligeiras.

Teus dedos resvallavão sobre as teclas
E meu olhar te dava a inspiração;
Tinhas as faces mórbidas e tristes,
E em ancia te fallava o coração.

O' quantas noites ao luar sereno
Em teu collo, mulher, adormeci
Ebrio d'amores, farto de esperança,
Aos sublimes arroubos de Verdi.

O' quantas noites?... Lembras-te, Marina,
Como perto de ti tudo esquecia!
Meu louco amor matava-me em teus beijos
E em teus labios mil néctares bebia.

A's vezes uma gotta de teus olhos
Sobre o rosto enregellada me cahia...
Teu piano era mudo... silencioso
E a luz no candelabro esmorecia:

Sómente a lua frouxa penetrava
Atravéz as cortinas de teu quarto,
E uma réstea de luz reverberava
Na parede onde tinheis meu retrato.

Estavamos sósinhos, ninguem vinha
Perturbar nossa paz, nossa ventura:
Quadra feliz, Marina, que não volta,
O prazer como tudo pouco dura.

Tu me fallavas tremula, Marina,
E tremula em meus braços te apertava,
Teus cabellos cahião em desalinho
Sobre as roupagens brancas que eu amava.

Tua fronte, teus gestos erão tristes,
Tua voz era um canto de amargura
Repassado de fel e de cicuta,
Como um canto dorido em sepultura.

A febre lenta te roubava os dias,
Tu morrias de febre e de paixão;
Cedo te quiz deixar, fugir de ti,
Mas a ti me prendia o coração...

Tua existencia consumi em beijos,
Como a abelha sedenta, que na flôr
Não conserva uma só gota de seiva,
E a vê morrer ao sol abrasador.

Tu morreste, me diz o teu piano,
Meu retrato na alcôva empoeirado.
Que outr'ora teu lencinho de cambraia
O limpava de leve, com cuidado.

Tornei-te Magdalena com meus beijos,
E aos meus beijos te abri a sepultura;
Meus braços forão tua cruz pezada,
Meu amor teu calvário de amargura.

20 de Março.

Achylles Porto Alegre.





Sou sempre o mesmo ! no calor da festa
Subito a testa se franzindo vai,
E eu ouço um grito, que do imo d'alma
Me rouba a calma, suspirando um ai !

Sou sempre o mesmo, mas fingindo o rosto
Todo composto de doçura e fél ;
Trago nos labios alegria ás vezes
E sorvo as fezes de um soffrer cruel.

Sou sempre o mesmo, dos festins nas salas
Desdenho as fallas que se diz então,
E se me assento taciturno e mudo,
Respondo a tudo por um—sim, por—não.

Se agrado mostra-me orgulhosa bella,
Sorrio á ella . . . na expressão — menti ;
E se um seu riso me tributa incenso,
« Então eu penso que de mim se ri ! »

Mas se en festivo lhe mostrei na face
O que fugace o coração não quiz,
Eu ouço um grito, que do imo d'alma
Me rouba a calma, me suffoca, e diz :

« Fragil mancoço que te ris, enquanto
Que espinhos —pranto— pelos olhos vão,
Guarda da sorte de teu pai lembrança,
Chora e jura, não te rias, não !

« Vê que elle arde n'um braseiro vivo,
Pobre captivo de um tyranno á fé,
Põe á teus olhos seu fiel retrato
No roto fato que o d'escravo é.

« Olha, quem sabe lhe serão tormentos
Esses momentos em que aqui folgais ;
Pensa nas dôres que teu pai lá sente,
Chora innocente, não sorrias mais ! »

E eu sempre o mesmo, taciturno e mudo
Procurro em tudo da esperança o céo,
Caminho, fujo, do praser, do chiste,
Rasgando triste da alegria o véo.

E ao pai, saudades, languidez e pranto,
Dorido um canto o coração traduz ;
E eu vou prostrar-me na deserta ermida,
Pedir sua vida pelo Deus da Cruz !

Se busco hypocrita encobrir no rosto
Este composto de doçura e fêl,
Mostro nos lábios alegria ás vezes
Mas sorvo as fezes de um soffrer cruel !

Então do mundo, no fervor da festa
Subito a testa se franzindo vai,
E eu ouço um grito, que me rouba a calma,
Do imo d'alma suspirar — Meu Pai !

Porto Alegre — Fevereiro — 1868.

F. Antunes Ferreira da Luz.



VISÃO.

E' noite... e o silencio profundo a deshoras.
Me inspira tristura, dilata-me o seio ;
E o ar perfumoso mui brando correndo
Me pousa na frente, me traz doce enleio.

E' noite... e a virgem dormita em seu leito
De-bello, anilado, macio setim ;
O peito lhe offega, e o rir se lh'espalha
Nos labios mimosos de fino carmim.

Negrejão-lhe os ciliós, e a côr s'evaece
Das faces mimosas no somno innocente ;
Dos louros, esparsos, undosos cabellos
Retrahe os olôres o ar ambiente.

De Deus os archanjos a cercão alegres,
Embalão-lhe o doce tranquillo dormir ;
E eu triste lhe off'reço nas azas da noite
Meu canto sentido, meu longo carpir.

Adoro-lhe a imagem, contemplo-lhe as graças
Mil preces envio do peito ao Senhor ;
E immerso em mil scismas, ardente em almejos
Um beijo na frente lhe imprimo de amor.

Então doces cantos dos anjos do céu
Se espalhão de leve ferindo a soidão ;
E a virgem dormida que a frente eu beijára
Sumiu-se p'ra sempre... foi tudo visão.

E' noite... e o silencio profundo a deshoras.
Me inspira tristura, dilata-me o seio ;
E o ar perfumoso mui brando correndo
Me pousa na frente, me traz doce enleio.

Janeiro de 64.

A. e S.



O ESCRAVO BRASILEIRO.

Quando é que eu disse que não era livre,
Que a pátria minha defender não qu'ria,
Quando neguei-me nas cruentas guerras
Em que um Henrique sua espada erguia!?

Negão-me tudo, meus irmãos na pátria,
Té mesmo o fóro dos civis direitos,
A honra, os bríos, sentimentos nobres
Qu'altivos morão nos brasileiros peitos!!!

Mas sêde injustos — muito embora, eu tenho
Por paga a dar-vos este peito irmão;
Na industria e artes, no commum progresso,
Serei convesco na mais santa união.

Dr. Valle Caldre e Fvão.

Aboto-lhe a mangem, contemplo-lhe as graças
Mil preces envio do peito ao Senhor;
E numero em mil seizaes, ardente em amejos
Um beijo na fronte the imprimo de amor.

Então doez cantos
Se espalhão de leve torindo a soldão;
E a virgem dormida que a fronte eu beijára
Sumiu-se p'ra sempre... foi tudo visão.

E nolle... e o silencio profundo a deshoras
Me inspira tristura, dilata-me o seio;
E o ar perfumoso mui brando correndo
Me pouca na fronte, me traz doez enleio.

PARTHENON LITTERARIO

Festa no dia 7 de Setembro.

Quando um pensamento nasce e não é mais ou menos desenvolvido, seja pela fragilidade do cerebro em que se originou, seja porque não encontrou auras benignas que o basejassem, morre sem ter sido util ao pensador, e sem proveito para ninguem; mas quando no seu primeiro germinar encontra seiva bastante á fortifica-lo e mil adeptos a desenvolvem-o, sôbe de ponto, e a idéa se traduz em facto.

Referimo-nos á festa humanitaria que pretenda fazer a sociedade de que é fraco orgão esta revista, no maior dia da nação—aquelle que nos recuerda o grito immenso e forte do Ypiranga, que de um jacto quebrando os ferros que nos roxeavão os pulsos, fez-nos nação independente.

A idéa nascen, a associação abraçou-a, e conscia de que a liberdade de um povô não é completa enquanto sôa o nome terrivel e infamante —escravo,—prosegue na realisação d'essa idéa grandiosa, cujo fim é libertar o maior numero possivel de crianças —d'essas que tiverão o infortunio de desprender o seu primeiro vagido sob o jugo do captivo.

Para este fim tão nobre e elevado vai o *Parthenon Litterario* exhibir uma recita no theatro S. Pedro em a noite de 10 de Setembro, commemorando assim, não só a nossa emancipação politica, mas ainda patenteando aos olhos do mundo a sua adhesão á causa santa da liberdade domestica.

Alexandre Herculano, esse grande vulto da velha Europa, quando na sua Harpa do crente disse: « Creio que Deus é Deus, e os homens livres », como que anathematizou os povos que alimentão em seu seio o cancro horrendo e contaminador chamado —escravidão— que vai corroendo a sociedade que não tem força para eslirpal-o, ou antes, que adormecida ao som dos canticos tristes d'esses infelizes que respirão oppressos, não se lhe dá que mil baldões lhe sejam lançados por aquelles que não ouvem o estalar do azorrague do senhor a retalhar as carnes do misero que tem o nome de—captivo.

E porque não ha de o *Parthenon Litterario*, como muitas outras associações, concorrer para a extincção de tão grande mal, unico obstaculo ao maior desenvolvimento da civilisação do seu paiz?

Fôra sem duvida preciso que, de um lado morresse no coração o sentimento da fraternidade, e do outro que o desamor á felicidade da patria brotasse impetuoso.

Assim é que o *Parthenon Litterario*, comprehendendo bem o que ha de mal n'esse estado de escravidão do homem, n'esse estado triste e contrario á natureza, em que o ser, a personalidade, são negados a individuos dotados de razão, vai pedir o auxilio do publico, certo de que o encontrará.

PARECER

SOBRE A THESE SEGUINTE:

A influencia da mulher sobre a civilisação, desde os primeiros seculos até nossos dias, tem sido benéfica ou perniciosa ?



Quando Deus formou a mulher, essa mais sublime metade do gen-ro humano, destinando-a para companheira e conselheira do homem, dotou-a de pureza, honestidade e bondade, para com a doçura de seus costumes, não só influenciar nas acções dos homens, modificando-lhes as iras, como para illuminar-lhes a rudeza do espirito com exemplos de piedade e brandura.

Sendo pois a mulher um prototipo de bondade, um ser delicado que a Providencia escolhera para depositaria da preciosidade de seu divino amor, longe de exercer uma influencia perniciosa na civilisação, é antes o symbolo da regeneração social, que com a irradiação sublime de seu espirito e com a luz divina que 'o Omnipotente lhe collocou nos olhos, illumina as trevas da humanidade que caminha, porque a mulher lhe diz : Ide, obreiros do futuro, caminhai para o progresso das sciencias, das letras e das artes, que eu vos illuminarei n'essa cruzada santa de civilisação !

Effectivamente á mulher se deve uma parte consideravel nas glórias d'esse aperfeiçoamento da vida civil, d'essa actividade organisadora das relações sociais, a que se chama civilisação.

A civilisação é um d'esses factos complexos que, resumindo em si a sorte comum da humanidade, tem uma historia particular que abrange as outras historias.

Se o desenvolvimento da actividade social c- nstitue o progresso da civilisação, não é comtudo na rigorosa accepção da palavra o seu verdadeiro c- racteristico.

Ha Estados, que considerados em relação ao aperfeiçoamento, ao bem estar social, se podem julgar perfectos, e que todavia não levam a dianteira em civilisação a outros onde, inda que imperfeitos em referencia á organisação social, se desenvolve o grande principio da actividade individual.

Assim é que em toda a parte onde a condição interior do homem, e desenvolvimento de suas faculdades moraes se manifesta com prodigiosa magnificencia, tambem apparece a civilisação em seu maior esplendor.

E' que do espirito individual saem as grandes idéas que, intellectualisando as sociedades, civilisam os povos.

E quem poderá racionalmente fallando, contestar a influencia decidida que a

mulher exerce n'essas idéas luminosas, que filhas da actividade individual, vão reflectir na sociedade, traçando novos e espaçosos horisontes na marcha progressiva da humanidade? !

As sciencias, as artes e a litteratura reclamão a parte activa que lhes toca no progresso da civilisação; mas quem é que a tudo isso nos impelle senão a mulher que nos diz: Ide, alcançai a gloria, que tereis em recompensa o meu amor?

Antes do homem atirar-se ao conhecimento das sciencias, é mister desenvolver se-lhe a alma, que, inda que pela lei de sua propria natureza esteja obrigado a abraçar o bem repellindo o mal, é de absoluta necessidade exercital-o na prática das virtudes.

E' essa a missão sublime que Deus julgou por bem confiar á mulher sobre a terra.

A mulher mãe! O que ha por ali mais elevado, mais magestoso, que essa creatura sublime, em cujos olhares angelicos a criança aprende a soletrar essa palavra divina, que resume em si todas as sciencias do Universo, a palavra — Deus? !

Oh! a mulher mãe é o sanctuario da luz, o typo sublime da felicidade no bem, é o talisman da creação que o Ser Eterno escolheu para Mãe de seu Filho, que no Golgotha lavou com seu sangue precioso a mancha do peccado original, espalhando leis que irão remontando de geração em geração até aos confins dos seculos!

Christo foi o regenerador da humanidade, o civilizador do mundo, e Maria, esse archetipo de santa resignação, foi Mãe de Christ.

Dizo o philoso-pho Kant que, antes de votar-se ao tirocinio de seu desenvolvimeto intellectual, já possuia os sentimentos de humanidade, sagrados principios que sua mãe soube embutir-lhe n'alma.

Cuvier affirma que a fortuna de seus estudos e as glorias de suas descobertas, deve exclusivamente á sua mãe.

Se lançarmos um rapido olhar sobre a historia romana, alli encontraremos a mulher em sua dignidade, exercendo uma influencia benéfica na educação d'esse grande povo. A mãe dos Gracchos pôde servir de modelo a todas as mulheres que se votão a educação de seus filhos.

Ha na historia d'esse povo um grande acontecimento que deve ser commentado como um triumpho de humanidade. Roma está perdida! Coriolano a fecha n'um circulo de ferro: o espirito indomavel d'esse implacavel guerreiro, o seu coração empedernido que o senado e os sacerdotes não poderão embrandecer, commoverão-n'o as lagrimas de mãe! A illustre Veluria salva Roma, perdendo seu filho para sempre.

Este facto prova até á evidencia, o poder, a influencia, que a mulher exerce no animo do filho.

Se os governos em suas reformas politicas tivessem em consideração a educação da mulher, ella pela sedução e docilidade de que é dotada, pelo santo sacerdocio a que está destinada, seria um instrumento activo no progresso da civilisação.

Diz Sheridan que é da cultura do espirito da mulher que depende a sabedoria dos homens.

Se, porém, nos afastarmos dos principios da educação, com os quaes a mulher mãe concorre prodigiosamente para o aperfeiçoamento moral dos filhos, e considerarmos na parte activa que ella tem na formação dos genios, ahi encontraremos a mulher como principal motora das grandes obras das epopéas colossaes.

Nas acções gloriosas, nos rasgos de heroicidade e nos grandes accommetimentos litterarios, ha sempre uma mulher!

Assim é que vimos Camões sedento de glorias, afastar-se das praias luzitanas, e voltar mais tarde com o colosso da litteratura moderna — os Luziadas, para arrojá-los aos pés de Catharina de Athayde.

Pelo amor de Beatriz, Laura e Leonor, resplandecem no céo da litteratura universal tres luzeiros de civilisação, que a voragem do tempo não sumiu em seus abysmos. Bernardino, Petrarca e Tasso!

O primeiro poeta da actualidade — Lamartine — que tanto tem concorrido

para a civilisação do mundo, declara nas suas ultimas revelações, que Julia e Graziella partilhão da gloria de seu nome.

Diz a distincta escriptora chiueza Pan-Hoci-Pan, no seu famoso tratado de educação, que a mulher substituiu á rudeza feroz dos primeiros seculos, o doce imperio do amor !

O amor da mulker é pois um facho de civilisação, que clareando as trevas da ignorancia, suspende o curso das paixões tenebrosas, levanta os desgraçados do charco das torpezas, e os regenera, lavando-lhes os salpicos da perversidade.

Biz Victor Hugo, que é mais facil a ortiga aferrar suas raizes no gelo, que medrar o vicio no coração do homem, illuminado pelo amor da mulher.

Por consequencia a mulher tem exercido em todosos tempos uma influencia benefica, na civilisação dos povos.

Terminarei o meu parecer com a seguinte observação de um escriptor moderno ;

« A primeira obra do Creador foi separar a luz das trevas. Essa luz collocou-a nos olhos da mulher. Querer offuscal-a é uma pretensão louca, negal-a é ser inimigo de Deus e dos homens. »

Porto Alegre 3 de Agosto de 1868.

Nicolau Vicente.



A ARCADIA.

Não cansa Antonio Joaquim Dias.

Infatigavel lidador na liça litteraria, ha quatro annos lucta, lucta e não se o viu inda recuar e tremer ante os obstaculos e obices que se lhe antolhavão medonhos e quasi insuperaveis.

E' um bravo o nosso amigo, um distincto batalhador !

Sahiu a 4.^a serie da *Arcadia*. Foi um novo triumpho sobre as manifestações da epocha, foi mais uma geira que a republica das letras juntou a seus territorios, mais uma conquista do espirito reaccionario contra o avito estado do pensamento atado ao Caucaso do materialismo.

Vejão-n'a, seu porte cresceu, hoje é um Antêo que sahio da terra e sobranceiro destaca-se nos azues horisontes do Rio Grande.

Leião-n'a, e encontraráo as flôres mimosas da poesia cingindo o pomo fecundo da sciencia.

—*Utile dulci miscere*— é hoje seu programma.

Como outr'ora excluiu a politica de seus dominios.

Louvamol-a por essa idéa, por essa firmeza que repelle as fascinações e os encantos da sereia.

Louvamol-a porque a politica e a litteratura em seu desenvolvimento, em sua marcha, devem andar juntas, mas nunca consorciadas em seus designios e fins.

Uma vive entre bulções d'um céu constantemente de bronze, caminha sobre um chão de cardos que ensangentam as plantas dos que por alli passam ; a outra ao contrario ama o silencio, procura a temperatura suave e amena das primaveras. Uma alimenta-se do tumulto, a outra da solidão.

Prosiga a *Arcadia* com a mesma bandeira, com os mesmos sentimentos e aspirações de seu passado e sempre teremos um abraço para recebê-la, e a voz do entusiasmo para saudal-a.

Appollinario Porto Alegre.

2550

EMENTARIO MENSAL.

Realmente não ha cousa que mais mortifique o espirito do que seja uma creatura impôr-se o dever de escrever uma chronica, e esta litteraria, e sentir-se depois falho de idéas e de paciencia.

E' horrivel!...

Ainda se houvesse possibilidade de encontrar-se inspiração n'um trago ardente de cognac, ou nas espiraes de um charuto, mas nem ahí; a cabeça resfriada pelo minuano é incapaz de ceder, e o cerebro como que contrahe-se a produzir nada.

E ha quem ame o inverno; quem ame ver a natureza envolvida em seus nevoeiros humidos, pallida e triste, seismadora e languida como a virgem após o delirio da walsa; quem ame o zumbir do vento pelas frestas da porta, e o estalar monotono da chuva na calçada!

Que cousa, e que gosto!

Ver estragos na natureza, e locupletar-se mirando-lhe os despojos!

Felizmente eu amo o verão. Oh! como é bello ver-se n'esse tempo as campinas — matizadas, o céu — limpido, as aguas — brilhantes, e o sol ardente dardejear seus raios dourando os pincaros das serranias!

E á noite, quando a brisa remoreja mansa e mansa nos florestaes immensos, e frouxo a lua o seu clarão derrama, prateando a lympha que marulhosa serpêa! Que scismas, que canticos suaves não desprende o coração que ancêa de saudade, d'esse sentir acre-doce, que tão bem pintão estes versos de um poeta, que já não é do mundo:

« Sandade é santo sentimento justo,
« Que as almas nutrem no viver ausente,
« Saudade é riso que descerrão labios,
« E dôr amarga que meu peito sente!

Mas deixemos o verão, e tratemos da chronica, que, graças ao minuano, vai ser friamente confeccionada.

Sus! mocidade, que o estadio a percorrer é longo; ergue a fronte sobranceira, e fito o olhar no horisonte da sciencia, mostra pela illustração do espirito que és grande e forte a querer conquistar um posto de honra na vanguarda da civilisação. Não retrocedas; a victoria é certa, e a patria te contempla!

Não vá alguém pensar que fazemos n'este momento uma proclamação de guerra, não; dirigimo-nos apenas ao Athenêo Academico de Marinha, associação que acaba de ser fundada no Rio de Janeiro, e cujo fim é, por meio de discussões relativas a todas as materias que possão interessar ao official de marinha de guerra, promover o desenvolvimento intellectual.

E' pois a essa mocidade que se levanta, e avida de saber e de glorias concentra-se no estudo das sciencias, que nós, pequenos obreiros da grande obra do futuro, fazemos uma saudação.

Ainda uma vez: Avante!

* *

Mais dous livros, e de summa importancia, acabão de ser impressos no Rio : *Roteiro da costa do Brasil desde o rio Mossoró até o rio S. Francisco* pelo capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira, e *Melhoramentos dos portos do Brasil*, pelo conselheiro Manoel da Cunha Galvão.

São mais duas obras á attestar o aperfeiçoamento das sciencias devassadas pelo espirito investigador do homem, e um grande serviço prestado ao paiz pelos dous distinctos escriptores.

* *

Consta-nos que o Sr. conego José de Noronha Napoles Massa, director do collegio Gymnasio Porto-Alegrense, compoz uma grammatica philosophica da lingua portugueza, e vai publical-a.

Não temos conhecimento do trabalho do Sr. conego Massa, mas pensamos que é de muito merecimento, já pelo que temos ouvido dizer, já porque reconhecemos a illustração do seu autor.

Fazemos votos para que o mesmo Sr. se apresse em dar á luz a sua grammatica, certos de que com ella muito aproveitará a instrucção.

* *

Passemos ao theatro.

A companhia Cabral continúa em seu mar de rosas; sempre espectaculos, e sempre boas casas!

Verdade é que o Sr. Cabral esforça-se por agradar, sendo acompanhado sempre n'esse desejo por todos os actores.

Quatro dramas novos forão representados durante o mez findo: *Mulher e mãe*, do Sr. Eudoro Berlink, *Mineiros da desgraça*, do Sr. Quintino Bocayuva, *Maria Joanna ou a pobre mãe*, drama francez, e o *Anjo da resignação*, do actor Sr. Bartholomeu Magalhães.

O segundo e o terceiro tendo sido representados agora no nosso theatro, já o forão em outros, por isso nada diremos sobre elles, e antes passaremos a occupar-nos ainda que ligeiramente com os outros dous.

O primeiro é o do Sr. Eudoro Berlink.

Não fazemos uma analyse do drama *Mulher e mãe*; faltão-nos habilitações principalmente relativas a esse genero de litteratura, e o espaço que comporta o Ementario é curto; diremos apenas algumas palavras que exprimirão a nossa fraca opinião.

A regeneração da mulher pelo amor maternal é um thema, sem duvida, sublime, e que toca o coração; foi pois feliz o distincto escriptor na sua escolha, cujo fim é incontestavelmente moral.

O Sr. Berlink desenvolveu mais ou menos com bom éxito a these sobre que se propoz escrever, e ainda que tenha sido por demais extenso em alguns dialogos, não deixão contudo estes de agradar, já pela belleza do estylo, já pela naturalidade.

Digamos alguma cousa com relação ao principal typo — o de Georgina.

O drama ainda que deva ser uma exposição fiel das scenas da vida real, entendemos todavia que certos factos que n'ella se dão, podendo ser considerados por sua natureza uma aberração, não devem ser exhibidos, uma vez que de alguma forma não sejam modificados.

O desamor de Georgina á sua filha de seis annos e moribunda, é um d'esses factos, e com quanto não o consideremos de todo inverosimil, não podemos deixar de dizel-o revoltante.

E' uma mãe que aborrece o fructo de suas entranhas, a carne de sua carne, que quebra uma lei sagrada da natureza, e a quem, nem os preconceitos sociaes, nem o

amor e as palavras graves de um marido-extremoso, podem impedir o passo para o abysmo de onde tarde se erguerá arrependida. E' verdade que Georgina recebera o dote que se dirige á intelligencia, e não aquelle que aperfeiçoa o coração; era illustrada, e não educada; mas mesmo assim, pelo facto unico de ser mãe, devia naturalmente sentir, como sentem as proprias fêras.

Não queremos dizer com isto que, allucinada pelo amor que lhe iuspirára Jorge, se é que aquelle peito podia amar, ella não o seguisse na qualidade de amante; queriamos apenas que houvesse hesitação, e embora aberto o coração ao crime, ella sentisse ainda um pulsar que lhe recordasse a filha. Então o cynismo com que Georgina, em presença do marido, acêita o braço do amante e sahe, seria disfarçado talvez pelas lagrimas da mãe, que em todo o caso era a mulher pervertida.

Duas palavras agora sobre o modo por que se opera a regeneração de Georgina, e depois apontaremos uma ou duas scenas do drama, que especialmente merecem, no nosso fraco entender, a attenção do autor.

Crêmos que o trabalho do Sr. Berlink é o resultado das impressões do drama italiano — *Estatua de Carne*, por isso que, sendo a these quasi a mesma, ha semelhança de scenas, não o sabemos; mas se assim é, sentimos que o novel dramaturgo não tenha preparado a regeneração da sua Georgina, como o fez o autor da *Estatua de Carne* á sua Noemia, para o que lhe poderia ter servido aquelle bom e sympathico Dr. Franca, a quem ella communicava os seus malevolos projectos, e a quem pedia conselhos.

Georgina vê a filha que não conhecia, e immediatamente troca a vida dissoluta, pela da penitencia, fecha o coração aos crimes e abre-o á mais austera virtude.

Esta transição repentina, com quanto não seja inteiramente impossivel, é todavia singular, mormente quando Georgina durante dez annos não tivera um momento de pensar para a filha, quando sequer não tivera uma palavra que attestasse uma lembrança d'aquella innocente, que tão cruelmente havia abandonado.

Talvez que andemos errados n'esta ligeira apreciação, mas expômos a nossa opinião como ella é, não negando nunca ao Sr. Berlink as merecidas palmas que colheu na sua estrêa.

Quanto ás scenas, diremos que são bem combinadas e de bom effeito dramatico, devendo contudo serem algumas mais rapidas para melhor impressionar, como sejam: aquella em que Affonso vê Georgina em colloquio amoroso com Jorge e planejando a fuga, e — a em que a mãe pede á filha, não uma esmola de dinheiro, mas uma palavra partida do coração, e unica precisa á sua salvação.

Na primeira, além de demasiada prudencia em Affonso, ha aquelle mutismo que difficilmente pôde ser sustentado pela gesticulação, tornando-se por isso susceptivel do ridiculo; na segunda notamos uma certa frieza que não está em relação com o sentimento impetuoso do amor maternal, que de um jacto abrasára o coração de Georgina.

Não lêmos o drama do Sr. Berlink; temos sómente as impressões da primeira representação, e é pois facil que erremos; em todo o caso pedimos ao illustrado escriptor que nos desculpe estas linhas que pouco pôdem valer; mesmo porque não nos arrogamos os fóros de litteratos, e apenas dizemos o que sentimos, certos ainda de que o drama do Sr. Berlink, embora um ou outro defeito, é um dos melhores que se tem representado no nosso theatro.

Passemos agora ao *Anjo da resignação*, bella e promettedora estrêa do intelligente actor o Sr. Magalhães, a quem n'este momento saudamos.

Como acontece sempre ás primeiras producções do engenho humano, o trabalho do Sr. Magalhães tem alguns defeitos que, no entanto, cremos desaparecerão, mediante uma leitura meditada do autor, em quem reconhecemos vigoroso talento.

Somos bastante fracos, como temos dito, para analysar trabalhos, mormente d'este genero; não o faremos, pois, e só diremos alguma cousa conforme o nosso pensar, e não relativamente á these, aliás de summa moralidade, e sem duvida bem desenvolvida, e em linguagem facil e agradavel.

Sentimos ter de dizer que achamos o primeiro acto frio a não haver quasi ef-

feito theatral, o que de certo modo oppõe-se ás regras da arte tão recommendadas por Schlegel, e pouco attendidas pela maior parte dos escriptores dramaticos.

Entendemos que o dramaturgo deve, desde que comece a desenvolver a these que faz o objecto do seu trabalho, ter em vista sempre impressionar, já pela melhor disposição das scenas, já pela energia das fallas, segundo o character dos personagens que as proferem, e tendo mais em linha de conta o jogo physionomico. Desde que prehenção-se estas condições do drama em seu principio, facil é pelas diversas e successivas mutações de scenas produzir impressões mais fortes, e despertar mais vivo interesse.

Não reina a mesma frieza nos outros actos; são todos cheios de animação, e mesmo ha muitos lances dramaticos; por isso nada diremos sobre elles, e sim alguma cousa sobre tres scenas com as quaes quasi discordamos.

E' a primeira aquella em que Albuquerque sem consultar o coração de Ricardina, promette-a em casamento a Roberto de Mendonça. Albuquerque estava arruinado, é certo, devia aceitar o offerecimento de Roberto, que se dizia seu amigo; mas o que julgamos é que nunca devia dispôr do coração da filha que tanto amava, que era o seu idolo, para querer sacrificar-a a um homem a quem ella aborrecia. Em tal caso aquella felicidade que desejava á sua filha, e pela qual tremia vendo-se arruinado, foi esquecida, e Albuquerque, tornou-se de pai extremoso em algoz cruento.

A segunda é a scena da fuga.

Achamos muito natural, que Ricardina vendo-se forçada a uma união, que lhe seria fatal, resolvesse a fuga com Cezar de Athayde a quem amava, principalmente quando este, sob juramento, promettera despozal-a; o que, porém, notamos foi alguma precipitação da parte de Ricardina, que sequer não pensou no escandalò que dava, aproveitando-se justamente do dia do seu anniversario e do momento em que as salas de seu pai regorgitavão de convidados, para effectuar o que havia resolvido.

Pensamos que, como boa filha, Ricardina devia poupar a Albuquerque não o golpe, porque era inevitavel, mas um duplo desgosto partindo n'aquella occasião.

E não poderia ella ter tentado mais uma vez contra a resolução de seu pai, servindo-se da carta que lhe dirigira Roberto de Mendonça?

Crêmos que sim, sem comtudo deixar de haver drama.

Passemos á terceira scena, em que ha vislumbre de impossibilidade. E' aquella em que Albuquerque, então ministro de Deus, ouve de confissão á Ricardina.

Admittimos que Albuquerque, passados quinze annos que não via Ricardina, então alquebrada, e moribunda não reconhecesse n'ella a sua filha. E' possivel; os trabalhos e as doenças transformão as creaturas, e ás vezes tanto, que um pai póde desconhecer a filha; mas o que nos parece inverosimil é que Ricardina, tendo deixado a casa paterna na idade de vinte e dous annos, não desprendesse um grito do coração, ao vêr aquelle ministro de Deus, cuja voz não podia ter soffrido alteração, e cujo semblante era o de Severino de Albuquerque.

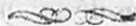
Eis o que pensamos.

Pedimos ao Sr. Magalhães que nos desculpe o que fica dito, e creia que não exaramos a nossa opinião por engrandecer-nos; nos reconhecemos bem pequenos em materia tão difficil.

*
* *

Basta. Estão escriptas vinte e duas liras, e sem termos dito talvez cousa alguma; acontece d'isto ás vezes; mas o que podemos assegurar é que, se deu-se o facto, é culpa da nossa intelligencia, pois nem todos calção pela mesma medida e além d'isso não póde produzir boas flores um terreno que é uáo.

A. e S.



ACTA.

3.ª Sessão ordinaria em 7 de Fevereiro de 1869.

Presidencia interina do Sr. Affonso Luiz Marques.

A's 8 horas da noite, presentes 12 Srs. socios, e tendo-se recebido communicacão do Sr. presidente effectivo de achar-se enfermo, pelo que não podia comparecer, abriu-se a sessão

Foi lida e sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lido o expediente a cargo do 1.º secretario.

Forão aceitos 3 socios effectivos.

O Sr. Sá Brito requereu demissão dos cargos para que fôra eleito, allegando para justificação de sua resolução os seus multiplos affazeres. A casa rejeitou por unanimidade de votos o requerimento.

Não tendo havido leitura de producções dos socios, passou-se á

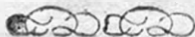
2.ª parte da ordem do dia.

O Sr. Arthur de Lara Ulrich leu o seu parecer sobre a these philosophica :
« *A guerra tem sido ou não util á humanidade?* »

Orarão o autor e os Srs. Appolinario e Achylles; ficando a discussão adiada pela hora e com a palavra o Sr. Affonso Marques.

Quando se discutia o parecer, compareceu o Sr. Pedro Antonio da Silva Horta, que occupou a cadeira da presidencia; e depois de dar para ordem do dia a discussão da referida these, levantou a sessão ás 9 1/2 horas da noite.

O 2.º SECRETARIO,
Aurelio V. de Bittencourt.



ERRATA DO N. 4.

Correspondente ao mez do Junho.

<i>Paginas</i>	<i>onde lê-se:</i>	<i>leia-se:</i>
3	sapucarlima	sapucairana.
3	perbustou	perlustrou.
4	voltigar	voltijar.
5	adornada	adormida.
5	Architas	Archias.
5	lhe quebrar o corpo	lhe quebrar o corpo.
6	antithenaliante	antithese saliente.
6	retulava	revelava.
6	enturmecencias	entumecencias.
6	gesto dēclaratorio	gesto declamatorio.
7	em se quer	sem se quer.
7	limpava assim	limpava o suor assim.
12	nem mesmo eu sei	nem mesmo o sei.
12	a um grão tão só,	a um só grão.
12	meu ser todo no olvido	meu ser todo no ouvido.
13	contra o Senhor	contra Deus.
13	a mente encerra	a morte encerra.
13	a uma praia gelida	erma praia gelida.
13	caligens	caligens.
14	as encerra	os encerra.
24	nenhum tocava-as	nenhuma tocou-as.
25	chuvas de balas cubrira	chuvas de balas cobrião-nos.
26	encandeava	prendia.
30	e seu corpo.	e se seu corpo.

